

BARCELLOS, 19 de julho de 1899

Anno VII

Typographia Barcellense

A Lagrima

Numero 21

Rua Barjona de Freitas

QUINZENARIO ILLUSTRADO

O nosso retratado

Sendo o sr. Manuel Antonio Esteves natural de Villa Nova de Cerveira é do coração barcellense.

Constituindo aqui familia, estima-a tanto quanto adora Barcellos.

Pois se esta villa foi o theatro onde representou a sua mocidade folgazã e onde desempenha activamente a virilidade de seus annos!

E estudem a historia local de ha meio seculo e vejam se não o encontram sempre vitalisando alevantadas iniciativas, quando ellas não brotem fogosas da sua boa vontade.

Coração como o d'elle? E' o seu *fraco forte*. Tem uma sensibilidade delicada.

Fazendo da casa em que habita, casa de todos, houve tempo que a sua espaçosa sala de jantar se convertia n'um refeitório de toda a gente.

Pao d'uma numerosa prole é com as lagrimas nos olhos que no convívio familiar manifesta o seu prazer ou pesar.

Casado com a exm.^a sr.^a D. Maria Amelia Pereira Esteves, é-lhe esposo estremeado.

Commerciante por muitos annos, podia ser rico se tomasse como axioma a sentença do escriptor: «A industria *explora* e o commercio *rouba*».

Como camarista appareceu-nos sempre a patrocinar bellos intuitos.

E' ainda hoje o homem mais popular do concelho, tendo a grande arte de se acomodar a todos os meios, não se constrangendo entre os rapazes, nem se affectando junto dos velhos.

Espirito alegre, faz as delicias das cavaqueiras, tal o seu bom humor natural.



A Vigo

Já lá vão passados alguns dias sobre esse passeio, que legou ao espirito de todos a nota suave, alegre, d'uma familia feliz em dominqueira excursão.

E'ram duas horas da manhã de quinta-feira penultima, e Barcellos, estremunhado, saltava fóra da cama ao som de bombas reaes como que convidando-o a seguir viagem para o paz de *la gracia*.

Effectivamente, pouco depois, retiniam na amena serenidade da noite as vozes contentes dos excursionistas, na agradável mescla de bandolins e violas, traduzindo em vagas expressões, a poesia do luar e o secreto prazer que renascia em cada alma.

Chegados á Estação e tomando de abordagem os vagoes fomos rebocados por esse maravilhoso vapor que encurta

as distancias e socega as impaciencias.

Instantes depois, do beiral esplendido do Lima emergiu somnolentemente encantadora a poetica Vianna. Ficamos a olhar para aquillo, que tem a magestade da natureza conjugada com a suggestão do bello.

Rapida se esvaeceu aquella visão, como n'um cyclorama se apaga um quadro demasiadamente deslumbrante.

Eis-nos na estação de Vianna. Uma enorme quantidade de passageiros invade as carruagens. Silva a machina e... lá vamos outra vez a caminho.

Aqui, já varia a paisagem. Veem-se veigas fecundas a emmoldurar o vasto mar, risonhao casinhas, muito brancas, que tecem o aspecto de pombaes entalhados n'um paúl d'esmeraldas.

A LAGRIMA

E o comboio corre, corre sempre, offerecendo á nossa vista, as phantasticas perspectiva d'uma magica, o delicioso espectaculo que contemplamos.

Mais alguns momentos, e vemos surgir a pittoresca Caminha como se fora uma gaivota descançando sobre as aguas.

Lindo!

Nada mais que um minuto. Outra vez, deixando á esquerda o Oceano, rodamos celeres em direcção a Valença.

Como um fiel amigo, acompanha-nos o rio Minho, acariciando as duas margens—hespanhola e portugueza—sentindo se altivamente orgulhoso em separar as duas rivaes egualmente formosas.

De cá—Lanhellas, Cerveira, S. Pedro da Torre—ostentam as galas que a natureza prodigamente lhes concedeu e remiram-se vaidosas no cristalino espelho que lhes beija os pés.

De lá, uma infinita quantidade de aldeias marchando a frescura dos prados, como se uma frota immensa no verde mar alto deixasse ver o alvo de suas velas.

Isto é vertiginoso, estonteante, e se o olhar voga inquieto, indeciso, o coração recebe constantemente as impressões adoraveis do que nos envolve.

Valença. Dez minutos de paragem para a mudança de locomotiva.

A caminho, deixamos á rectaguarda a carrancuda e féra villa, enterrada nas suas muralhas, que tem a gloria do seu passado a garantir que não são mentidas as suas tradições historicas d'um povo de valentes.

Saltamos a ponte internacional e á nossa frente depara-se-nos a nobre e antiga Tuy.

Veste grave e sisuda, e tem o ar que se evola das coisas religiosas, essa mysteriosa apparencia que infundem as altas e tristes paredes d'um monasterio.

Paramos. Nada d'inspecções aduaneiras.

Na gare recortam-se austeros e disciplinares, dois *guardias* civis, que tomam o nosso comboio seguindo viagem como n'osco, tão perfilados e limpos que faz gosto vel-os.

Vamos até Guillarei onde seguimos o ramal de Vigo.

O aspecto por enquanto nada tem de notavel, a não ser um *pardejo* que o Juca affirmou ser perfeitamente igual aos de Barcellos.

Todos riem, n'essa galhofa intima só aos amigos permittida.

De repente, acocorada lá ao fundo, descortina-se Redondela, galantemente repousada.

Passamos-lhe por cima, valen-lo-nos, para isso, um viaducto de prodigiosa altura que mais nos confunde e admira.

A' nossa direita espraia-se galharda e gentil a bahia de Vigo.

Principia a chover, mas a nossa confiança parece amedrontar a chuva.

Enfim... Vigo! Apoiamo-nos ao estalejar dos vivas «a Portugal e Hespanha». A excellente banda municipal de Vigo rompe com o hymno portuguez a que corresponde primorosa a banda d'infanteria 3 com o hymno hespanhol.

Estan hechos los saludos de la rubrica.

Adelante.

Estação fóra, ao som d'um *ordinario*, executado pelo 3, marchamos até em frente do *Ayuntamiento* onde somos finalmente recebidos por alguns distinctos cavalheiros d'aquella corporação.

Na *plaza*, as duas muzicas trocam, respectivamente, os cumprimentos do estylo, sendo muito palmeadas.

Ouvim-se muitos vivas geralmente correspondidos.

O senhor D. Manuel Diego dos Santos, captiva-nos immediatamente pelo seu aspecto veneravel e por sua exquisita e inigualavel amabilidade.

E' vice-presidente do *Ayuntamiento* de Vigo, cargo que desempenha com a elevada competencia, propria ao seu espirito culto e intelligente.

S. exc.^a elabora rapidamente, e em cavalheirosa gentileza, o programma dos festejos aos excursionistas.

Despedimo-nos sobremaneira penhorados com tão honrosa recepção, sendo os nossos passos encaminha-los ao Hotel Continental onde procuramos hospedagem.

Concedida.

O almoço, ás 10 horas, no vasto salão das refeições, foi servido aos excursionistas de Barcellos, correndo a alegria em todos os convivas.

Todo es bueno quanto es mucha la gana; porém não succedeu assim, antes, ao contrario, foi esmerado o serviço.

A cidade de Vigo tem verdadeiras obras d'arte architectonica. São d'um bom gosto e luxo raros os edificios que se alçam a quasi todas as ruas.

O café *Colum*,—onde nós, todos os excursionistas barcelenses, fomos tomar *una empuñada de rhum*, e onde a tuna Barcelense, sob a regencia habilissima do nosso amigo Domingos Carreira, executou algumas peças do seu peccalio musical—é mais do que um café, reúne as condições d'um palacio pela sua imponencia e riqueza.

E' um monumento granitico onde o cinzel deixou esculpidá arte.

Sahimos do café e dirigimo-nos á ria, essa soberba toalha d'agua que se estende perante á nossa vista e que vae morrer humilde na base

A LAGRIMA

de montes arrogantes, ou então vae alisar-se brandamente em praias recolhidas e mimosas, que ostentam juvenis a graça de muitas villas e aldeias.

Dois vapores agazalham a bordo uma grande parte dos excursionistas no porto de abrigo. Singramos ao largo; e prôa ao leste, em direcção á barra, vogam altauceiros os dois navios.

Todos nos achamos bem; e, entre os dois barcos, as senhoras trocam saudações joviaes, os homens acenam com lenços, os vivas mingam-se na amplidão do espaço.

A'quem, Vigo desenrola-se sobranceira, como senhora d'aquelles bobilissimos dominios, a perola cuidada e extremosa da Galliza.

Além, entre outras, Cangas, ridente d'alvura, offerece-nos o roteiro prasenteiro áquelle panorama especial.

Mudamos de rumo. Vogamos ao norte. No dorso de elevadas montanhas, a nevoa tece corôas singulares.

Regressamos á terra com saudades no coração. É' surprehendente tudo aquilo, eminentemente suggestivo e grandioso.

No jardim publico, a alameda central está em festa. A banda do 3 executa um programma escolhido que é victoriado intensamente.

Entretanto, centenaes de senhoras e creanças fazem o nosso enlevo; aquellas, pelo garbo encantador com que sabem impôr o dominio da sua formosura, privilegio da sua raça, condão inimitavel de elegancia natural; estas, deliciosamente puras, sorrindo como só o sabem fazer as creanças lindas, mas já acusando, na firmeza do andar e na esbelteza do corpo, os predicados futuros de completa belleza.

Por sua vez toma logar no coreto a banda do 37 de Murcia. Notavel pela sua harmonia e correcção, é sem duvida uma das primeiras muzicas militares que temos ouvido, razão por que lhe trazemos o nosso humilde elogio.

São horas de jantar. Olhamos mais uma vez com magua em roda de nós, e murmuramos no intimo da nossa alma um *adiós* que é um mixto de pena e amor!

O cavalheiro D. Diego digna-se acceitar, para nossa honra, a presidencia do jantar.

Abundante e variado, decorreu elle em meio de bons ditos e jovial despreocupação.

Ao *dessert* levantaram-se numerosos brindes correspondidos com entusiasmo sem par.

D. Diego, expressando-se em correto portuguez, saudou a nação visinha e irmã, e potémos observar que todas as palavras de s. ex.^a eram pedaços de ouro refinado no cadinho de bom senso e superior talento.

Ficamos summamente lisongeados e agradecidos a s. ex.^a, pelos termos amigaveis que dispensou a todos os excursionistas.

O seu brinde foi coberto de interminaveis palmas.

Seguiram-se mais brindes, agradecendo a s. ex.^a como digno representante de Vigo as deferencias tributadas aos portuguezes.

Acabou ás 11 horas da noite o jantar, e como a partida do comboyo fosse á meia noite, aprestamo-nos para o regresso.

A calle del Principe illuminada a luz electrica apresentava-se em *festival*. Deslumbrante o effeito das *triletes* das *xalerosas señoritas*. Tocava a banda municipal, e as suas harmonias casavam-se docemente com o rir argentino das creanças.

Maldita hora do comboio!...

Na estação, affectuosa despedida pelo *Ayuntamiento* e pelo magnifico orpheon de Oliva.

Estronhosas aclamações, palmas vivissimas e sentidas despedidas e, pouco depois... o monotono rolar das carruagens.

Ás 4 da manhã punhamos pé em terras de Barcellos.

Agora, e por fim, obrigado em nome dos excursionistas de Barcellos, pela forma sem igual como fomos recebidos em Vigo; mil agradecimentos aos cavalheiros primorosamente attentivos que tanto nos obsequiaram, e que podem ficar scientes que Barcellos almeja hospedar-os, para lhes fazer sentir quanta é a sua gratidão.

Le desejanos ventura e pronta visita.

A. B.

Fomos informados, por pessoa fidedigna, que os excursionistas a Vigo, de regresso aos patrios lares, luctaram com uma difficuldade enorme em fallar o portuguez!

Um d'elles até veio queixar-se a esta redacção, mas explicamos-lhe que tal caso não era para admirar, visto que nós, depois do passeio na bahia, mal sabiamos andar em terra!

Em face a estas demonstrações o individuo ficou satisfeito e retirou em boa ordem.

Em Vigo, uma sopeira que faz a doçura dos elegantes filhos de Marte, do 37, é claro, corre atraz d'uma creança confiada á sua guarda e solta aos quatro ventos estas palavras:

—«Niñal niñal niñal!»

O sr. Antonio Pereira, não percebendo bem, diz lhe um pouco agastado:

—«Aninhe-se você; ora que tal está!»

O sol quando nasce é para todos, ora isto é tão velho como... a Sé de Braga.

Apesar d'isso, um dos excursionistas faz-lhe moesa que em Porrino o sol nasce d'outro lado.

Um menino observa ao ingenuo que o sol ali já é outro.

A LAGRIMA

—«Ah! bem me parecia a mim; já estava para o dizer, mas tive medo de soltar asneira.»
Está quieto...

Os excursionistas apreciam, e com razão, a banda de Murcia que se exhibe no coroto do jardim em Vigo.

Um *aficionado* nota que a referida banda tem a família das *palhetas* completa.

—«Ora que diabo—ouvimos ao nosso lado—e eu que julguei que era só o Cagaio que tinha muitos filhos!»

Um excursionista estava perante um estabelecimento que em Vigo tem o nome de *Peluceria*.

O nosso camarada lê deassombradamente *Pulchéria!*

Mais abaixo, outra! mais acima ainda outra!

—«Muita *Pulchéria* tem Vigo, exclama o nosso homem.»

Quando Deus quer faziam-se barbas lá dentro.

Viva o Rodrigo!...

Conta-nos o sr. Paulo Alves da Silva que o venerandissimo Bernardino Antonio Pereira exhibiu domingo na nossa ultima festa do Coração de Jesus, do lado de manhã, aquella musica que estamos afeitos a ouvir no romper d'Al-lélua, acompanhada a toques de campainhas e a varios instrumentos imitando o canto de aves e mamiferos.

Aquilo dizem-nos que fazia lembrar uma grande malaposta a rodar sobre uma estrada, com as parêlhas cheias de guizos, levando ella dentro a area de Noé.

Até o Pindalho, sob o côro, ao ouvir isto, zurrava de satisfação.

Lê-se no penultimo n.º da «Folha da Manhã»:

«DEPOIS DO ROUBO...—N'um d'estes dias appareceu no quarto do rev.º José Maria do Rosario Villas-Boas, um embrulho com uns cordões de ouro e um bilhete com a seguinte indicação:

«Entregue a Marianna Marques».

São estes os cordões que aqui nos referimos em noticia de ha tempos.

O malandro do larapio, nem sequer teve a graça de pedir por favor a quem mandava entregar o roubo.

Não seria bom saber-se-lhe o nome, pelo menos, para se recommendar com empenho o *patife?*»

Amigavelmente. Não concordamos!

Quem quer que fosse o autor do furto ou rou-

bo não achamos que seja *malandro* e, muito menos *patife!*

Pior: nem mesmo é preciso que se saiba o nome da, talvez, *fome envergonhada!*

Calcule o colloca que a barriga do nosso proximo dá horas.

Em casa nem um feijão carrapato para semente!

Ora como a «necessidade é inimiga da virtude», nada mais natural—isto para aquelles que já passaram por essas crises agudas da vida—do que a pratica da subtração d'un objecto.

Volvid, tempo o presuppsto *ladrao* ou *larapio*, sim, porque o não é *intuitivo*, restitue-o ao dono servindo-se do natural intermediario—o padre!

¿E' *patife?* ¿E' *malandro?* Não. E' um arrependido. E como tal é *sympathico*.

... Quando não pomo'-nos de joelhos e somos a dizer a Jesus que andou mal em receber bem o arrependimento de Magdalena.

Os individuos de posição humilde são «*pu-lhas*» e «*ingratos*» caso pratiquem um acto que—embora não seja deshonroso—desagrada á pessoa que se serve d'aquelles epithetos.

Se, porém, em *egualdade de circumstancias*, os individuos representam uma posição algo elevada—são *cursa nenhuma*...

E' o caso do Ferreira: «Se o homem de pequena esphera entra no vinho em demasia, a sociedade *chrisma-o de bebedo!* Mas as pessoas de graduação superior nunca se embriagam, quando muito tem dores de cabeça...»

Domingo ultimo, na Collegiada, o jesuita dr. Osorio disse aos seus ouvintes que «o homem nasceu mau».

E o nosso padre cura a afirmar que o «homem foi feito á semelhança de Deus», que é bom.

O sr. dr. Osorio queria dizer que o homem nasceu marau, por andar meio mundo a enganar o outro meio.

O Marangôna sabe tao bem lêr como tocar cornetim. E' um alho!

Lia ha semanas a seguinte noticia em um semanario d'esta villa:

«... A esposa de fulano teve domingo o seu anniversario natalicio.»

O nosso homem confirmando-se d'uma duvida, interroga o Marcos:

—«¿Antão a esposa do sr... teve um filho?»
E' na pae!

A Companhia Vinicola vae intentar acção contra o João Oliveira, por este vender vinho branco espumoso a 160 rs. a garrafa de 1½ litro.